

Comportamento dos Dez Maiores Bancos Brasileiros Durante a Crise do Subprime: uma Análise por Meio de Indicadores Contábeis¹

Rodrigo de Souza Gonçalves

Doutor em Ciências Contábeis pelo Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis UnB/UFPB/UFRN
Professor Adjunto da Universidade de Brasília
Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Caixa Postal 04320, Cep: 70.910-970 – Brasília (DF)
E-mail: rgoncalves@unb.br – Tel. (61) 3107-0798

Adilson de Lima Tavares

Doutor em Ciências Contábeis pelo Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis UnB/UFPB/UFRN
Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Endereço: Campus Universitário da UFRN, Lagoa Nova, CEP 59.072-970 – Natal (RN)
E-mail: adilson.tavares@uol.com.br – Tel. (84) 3215-3486

Pedro Maia Ximenes

Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília
Assistente no Banco do Brasil

Rosane Maria Pio da Silva

Mestre em Ciências Contábeis pelo Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis UnB/UFPB/UFRN
Professora Assistente da Universidade de Brasília
Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Caixa Postal 04320, Cep: 70.910-970 – Brasília – DF
E-mail: rosanepio@pop.com.br – Tel. (61) 3107-0798

Resumo

O presente artigo tem por objetivo demonstrar o comportamento dos dez maiores bancos brasileiros no período de junho de 2008 a de setembro de 2009, a partir da análise de indicadores contábeis. Para tanto, foram calculados 16 índices com periodicidade trimestral, extraídos a partir das informações contidas nos relatórios contábeis, caracterizando a pesquisa como documental. Os índices foram separados em cinco categorias: liquidez, capital, rentabilidade, receita e mercado. Os resultados obtidos apontaram que a maioria das instituições financeiras da amostra teve capacidade de gerir seus recursos de forma a obter condições de manter o crédito inicialmente, para então, a partir do primeiro trimestre de 2009, impulsionada pelos bancos públicos, elevar suas operações de crédito. Além

¹ Os autores agradecem as valiosas contribuições realizadas pelos pareceristas, que permitiram melhorias substanciais ao artigo.

Editado em Português, Inglês e Espanhol. Versão original em Português.

Recebido em 13/09/10. Pedido de Revisão em 11/03/11. Resubmetido em 11/04/11. Aceito em 26/01/2012 por Valcemiro Nossa (Editor). Publicado em 28/06/12. Organização responsável pelo periódico: CFC/FBC/ABRACICON.

Copyright © 2012 REPEC. Todos os direitos, até mesmo de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte.

disso, a maioria dos bancos apresentou uma tendência anticíclica de fomentar as atividades produtivas, com preferência às atividades de maior liquidez em detrimento da rentabilidade, tendo dessa forma uma postura mais conservadora. Por fim, verificou-se que as iniciativas adotadas pelo governo, o equilíbrio econômico brasileiro e os recursos oferecidos pelos bancos ajudaram a produzir um ambiente para o reaquecimento das atividades empresariais durante o período mais agudo da crise do *subprime*.

Palavras-Chaves: Análise de Balanço; Instituições Financeiras; Crise do *subprime*.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, principalmente a partir do segundo semestre de 2003, a economia brasileira passou por uma forte expansão do crédito, sustentada por um cenário positivo da economia mundial (OLIVEIRA, 2006), impulsionada pelo crescimento da atividade econômica com taxas superiores a cinco pontos percentuais nos anos de 2007 e 2008 (IBGE, 2009). Os bancos tiveram papel significativo nesse processo, aumentando seu grau de alavancagem e sua propensão ao risco.

No final de 2006, este panorama de crescimento foi atingido por uma crise no setor imobiliário norte-americano: a chamada crise do *subprime*. Essa é caracterizada basicamente pela supervalorização seguida da desvalorização dos imóveis, e afetou especialmente as instituições financeiras que estavam fortemente alavancadas neste mercado, gerando abrupta falta de liquidez na economia mundial (DEMYANYK; HEMERT, 2011).

Essa crise atingiu a economia brasileira a partir do terceiro trimestre de 2008, desaquecendo todos os setores da economia, o consumo e o investimento (SILBER, 2008). Os bancos, como intermediários financeiros que exercem uma função dinâmica na economia ao distribuir os recursos de fontes superavitárias para deficitárias, tiveram que adequar suas posições para diminuir perdas em um cenário negativo.

Dessa forma, a gestão das contas de ativo e passivo, que viabilizam a expansão ou retração do crédito, determina a postura adotada pelos agentes financeiros (SAUNDERS, 2007). Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo demonstrar o comportamento dos dez maiores bancos brasileiros no período de junho de 2008 a de setembro de 2009, a partir da análise de indicadores contábeis.

Como objetivos específicos têm-se: a) identificar as tendências assumidas pelos bancos durante a crise; b) evidenciar se a crise interferiu em suas estruturas patrimoniais, na composição de seus ativos e passivos e em seus níveis de liquidez; e c) identificar a postura adotada pelas instituições financeiras, se conservadoras, por preferência de liquidez, ou a priorização de resultados com investimentos de maiores riscos e retornos.

O trabalho justifica-se por oferecer uma abordagem para análise das demonstrações contábeis de instituições financeiras, bem como a discussão sobre possíveis impactos da crise mundial na economia brasileira, permitindo uma reavaliação das medidas adotadas para o seu enfrentamento, considerando a situação mundial de recuperação.

Diferentemente das pesquisas contábeis em âmbito internacional que tiveram seu enfoque nos reflexos da crise do *subprime* quanto ao reconhecimento e mensuração das operações financeiras, bem como o da regulação do sistema financeiro (RAYAN, 2008; LAUX; LEUX, 2009; TAYLOR, 2009), a relevância desta pesquisa emerge à medida que contribui para compreensão do comportamento dos bancos brasileiros durante crise econômica dos *subprimes* acerca das posições assumidas por estes, a fim de mitigar seus efeitos e facilitar a retomada ou manutenção de sua rentabilidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Situação econômica brasileira com a crise (2002-2008)

Em um cenário macroeconômico positivo na economia mundial, principalmente entre 2002 e 2005, o crescimento na atividade econômica global subsidiou oportunidades para grandes investimentos e impulsionou os bancos a adotarem sua postura pró-cíclica clássica na economia (OLIVEIRA, 2006), ou seja, quando em momentos de crescimento econômico, tendem a expandir o crédito,

enquanto em estágios de recessão diminuem seu nível de risco, investindo em títulos de maior liquidez e restringindo o crédito no mercado.

No Brasil, esse comportamento para as instituições financeiras passou a ser percebido a partir do segundo semestre de 2003 (BACEN, 2009a), quando se deu início a uma recuperação do crédito bancário no país, impulsionado principalmente pelo crédito às pessoas físicas na forma de empréstimos consignados e às empresas como capital de giro e conta garantia (BACEN, 2009b). Segundo Silber (2008), a prosperidade econômica internacional vivenciada até 2006 foi abalada pela situação do setor imobiliário dos EUA, a denominada crise do *subprime*, percebida inicialmente como uma crise bancária que provocou um gradativo achatamento na oferta de crédito e uma desalavancagem dos bancos norte-americanos. Como consequência, houve uma forte desaceleração na produção, especialmente nos países desenvolvidos, encaminhando a economia global para recessão.

Em um segundo momento, a crise alcançou proporções que poderiam evoluir para um colapso sistêmico, quando grandes empresas e bancos, a exemplo do Banco *Lehman Brothers*, comunicaram suas perdas e entraram em processo de falência, levando incerteza ao mercado e sendo o estopim para diversos bancos centrais intervirem de maneira vigorosa (HELLWIG, 2009).

Analisando as consequências desses fatores, Cruz (2008a) afirma que a redução do crédito internacional abriu espaço para escassez de financiamentos para a produção e exportação de produtos no Brasil, fato perceptível, sobretudo no setor primário.

Deixando esse quadro ainda mais drástico, o arrefecimento da economia mundial gerou uma rápida desvalorização no preço das *commodities* e, por conseguinte, uma forte diminuição na receita em moeda estrangeira. Este cenário de incerteza que impulsionou a taxa de câmbio, provocando a deterioração da moeda brasileira em 2008, motivou uma subtração abrupta nos empréstimos interbancários e o reconhecimento de substanciais perdas por grandes empresas nacionais alavancadas em operações com derivativos.

Por último, demonstrando a queda na produção, houve em um primeiro momento, segundo IBGE, redução de 33% na fabricação de automóveis se comparado novembro de 2008 ao mesmo período de 2007, gerando ociosidade na indústria e aumento no índice de desemprego.

Esse cenário faz com que, em princípio, as empresas financeiras adotem estratégias mais conservadoras como forma de proteger suas posições e manter um nível de rentabilidade mínimo, objetivando remunerar o capital do investidor.

2.2 Análise das demonstrações contábeis em bancos

Traduzir a situação econômica e financeira de uma empresa por meio de suas publicações e conseguir extrair delas informações potenciais que possam influenciar suas decisões futuras compreende alguns dos fatores que tornam a análise das demonstrações ou análise de balanços uma prática tão relevante e ostensivamente empregada no mercado.

Conforme Assaf Neto (2006 p.55), “a análise de balanço visa relatar, com base nas informações contábeis fornecidas, a posição econômico-financeira atual, as causas que determinam a evolução apresentada e as tendências futuras.”

Uma boa análise de balanços é importante para diversos usuários: credores, investidores em geral, agências governamentais e acionistas, além de ser vital à gerência.

Para tentar entender a situação econômico-financeira de uma instituição e obter subsídios que justifiquem o processo de tomada de decisões podem ser utilizados vários modelos e técnicas de análise.

Uma das técnicas mais utilizadas é a análise por meio de índices econômico-financeiros, obtidos, principalmente, a partir de informações contidas nas demonstrações contábeis. Tal técnica, segundo Myer (1976), é utilizada há mais de um século, pois há evidências de que em 1908 os banqueiros dos Estados Unidos já exigiam uma análise da liquidez (Ativo de Curto Prato/Passivo do Tomador de Crédito) para a concessão de créditos. Através dos índices, os analistas buscam medir, comparar e projetar desempenhos, quer sejam econômicos, financeiros ou patrimoniais. Portanto, os índices devem ter como características a objetividade, a mensurabilidade, a compreensibilidade e a comparabilidade (LYRA, 2008).

Entre as razões para o uso de índices nas análises, pode-se citar: a) possibilitar o controle do efeito das diferenças de tamanho das empresas do estudo; b) fazer com que os dados satisfaçam melhor às premissas subjacentes às ferramentas estatísticas; e explorar uma regularidade empírica observada entre um índice financeiro e a estimação de uma variável de interesse (FOSTER, 1986).

Na busca de indicadores que possam traduzir de forma preditiva possíveis problemas no sistema financeiro, mais especificamente de possíveis quebras em instituições financeiras, Gilbert, Meyer e Vaughan (2000) buscaram analisar o papel exercido pelo modelo utilizado pelo Banco Central Americano (FED). Após o teste e análise do modelo conhecido como CAMEL², os autores concluíram que ele pode ser um importante instrumento a ser utilizado pela autoridade monetária na supervisão das instituições financeiras.

Apesar da existência de modelos e indicadores, Iudícibus (1998) afirma que, pelas características inerentes à análise das demonstrações contábeis e do próprio analista, cada usuário poderá chegar a conclusões ligeiramente ou até completamente diferentes, tendo por base o mesmo conjunto de informações.

Na atividade bancária existem particularidades que a distingue dos demais ramos de negócio, sendo uma delas o fato de ter o dinheiro, em seus diferentes títulos, como seu produto clássico. Os agentes financeiros exercem, basicamente, duas funções: intermediação financeira e prestação de serviços financeiros, o que requer técnicas e responsabilidades peculiares à sua administração (SILVA, 1998). Portanto, a análise das demonstrações contábeis de bancos deve utilizar técnicas, modelos, índices, etc., que se ajustem às características da indústria bancária, e gerem informações úteis ao processo decisório.

As instituições financeiras, em razão de suas características, devem possuir recursos disponíveis para fazer frente aos seus compromissos. Para tanto, há requerimentos mínimos de capital, os quais são ajustados de acordo com a exposição da instituição ao risco de crédito, de mercado e operacional, conforme prevê o Acordo de Basileia (BIS, 2006). Portanto, além dos indicadores contábeis normalmente utilizados, o analista deve atentar para a adequabilidade do capital da instituição financeira às suas operações.

Para entender o cálculo do Índice de Basileia, proposto pelo Acordo de Basileia, é preciso compreender os conceitos de patrimônio de referência exigível (PRE) e o patrimônio de referência (PR). O PR se conceitua se conceitua pela medida de capital regulamentar utilizada para verificar o cumprimento dos limites operacionais das instituições e conglomerados financeiros e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Bacen. Seu cálculo é normatizado pela Resolução CMN n.º 3.444, 2007.

O PRE é patrimônio de referência exigido das instituições e dos conglomerados financeiros, decorrente da exposição aos riscos inerentes às atividades desenvolvidas. A Resolução CMN n.º 3.490, 2007 traz esclarecimentos para obtenção de seu valor.

No Brasil, o patrimônio líquido de referência, que é a relação do patrimônio líquido pelo ativo ponderado pelo risco das instituições financeiras deve ser de 11%, em média, é um percentual superior ao mínimo requerido pelo Acordo de Basileia, que é de 8% (RODRIGUES; PINTO, 2004; DE MEDEIROS; PANDINI, 2007).

3. METODOLOGIA E ESTRUTURA DA PESQUISA

Define-se esta pesquisa quanto aos seus objetivos como descritiva e de natureza quantitativa (RICHARDSON et al., 1999; GIL, 1999). Quanto às técnicas empregadas à coleta de dados, é documental. Segundo Longaray e Beuren (2004 p.89), “a pesquisa documental baseia-se em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.”

As informações para o trabalho foram coletadas das demonstrações contábeis publicadas pelos bancos em seus sítios na internet. O período definido para análise foi de junho de 2008 a setembro de 2009 (indicadores do 2º, 3º e 4º trimestres de 2008 e 1º, 2º e 3º trimestres de 2009), o qual foi

2 CAMEL – capital, assets, management, earnings and liquidity.

apontado como o momento de maior impacto da crise nas economias em desenvolvimento (SILBER, 2008; CRUZ, 2008b). Tal constatação pode ser ratificada pela retração econômica brasileira, a qual passa de um crescimento positivo no segundo trimestre de 2008 (6,2%) para um crescimento negativo no mesmo período no ano de 2009 (-1,2%) (IBGE, 2009).

Para analisar como o setor financeiro, mais especificamente o bancário, reagiu a esse movimento de retração econômica, será utilizado um conjunto de indicadores contábeis (vide Quadro 1) baseado em Assaf Neto (2006), Oliveira (2006) e Anjos (2008), para os 10 maiores bancos brasileiros listados pelo BACEN (2009a) a partir do volume de seus ativos totais em setembro de 2009.

O cálculo dos indicadores selecionados dá-se pela razão entre números absolutos coletados das demonstrações contábeis, ou seja, mensura a proporção de uma grandeza em relação à outra. Utilizando essa técnica, proceder-se-á a comparação e observação do desempenho dessas variáveis durante períodos trimestrais.

Indicadores de Liquidez	Definição	Justificativa
Encaixe voluntário (X1)	$\frac{\text{Disponibilidade}}{\text{Depósitos à Vista}}$	Identifica a capacidade financeira imediata de um banco em cobrir saques contra depósitos à vista na data de encerramento do exercício social.
Liquidez Imediata (X2)	$\frac{(\text{Disp.} + \text{Aplic. Interfinanceiras})}{\text{Depósitos à Vista}}$	Identifica a preferência por investimentos que garantam uma posição favorável e solvente para enfrentar os “solavancos” do mercado
Empréstimos/Depósito (X3)	$\frac{\text{Empréstimos}}{\text{Depósitos}}$	Identifica o grau de relevância dos depósitos na captação do banco, o que promove melhor observação dos indicadores X1 e X2 evitando assim percepções tendenciosas.
Participação dos Empréstimos (X4)	$\frac{\text{Operações de Crédito}}{\text{Ativo Total}}$	Indica o percentual do ativo total de um banco que se encontra aplicado em operações de empréstimo. Índices mais elevados de empréstimos em relação aos ativos totais revelam baixo nível de liquidez da instituição e uma preferência por ganhos monetários (mais rentáveis).
Indicadores de Capital	Definição	Justificativa
Independência Financeira (X5)	$\frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Ativo Total}}$	Identifica a parcela do ativo financiada pelo capital próprio.
Endividamento (X6)	$\frac{\text{Passivo Total}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Permite detectar a maneira que está alavancado o seu crescimento, envolve a segurança oferecida pela empresa aos capitais de terceiros.
Índice de Basileia (X7)	$\frac{(\text{PR} \times 100)}{(\text{PRE} / 0.11)}$	Orientador para o risco das atividades bancárias internacionais.
Indicadores de Rentabilidade	Definição	Justificativa
Custo médio de Captação (X8)	$\frac{\text{Captação no Mercado}}{\text{Desp. Financeira para Captação de Mercado}}$	Permite avaliar a composição do portfólio de investimentos e a entender a estratégia adotada sobre o custo de captação.
Margem Líquida (X9)	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita com Intermediações}}$	Permite avaliar o nível de rentabilidade com suas atividades de intermediação financeira.
Retorno sobre o investimento total (X10)	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Investimento Total}}$	Exprime os resultados das oportunidades de negócios acionadas pelo banco. Medida de eficiência influenciada principalmente pela qualidade do gerenciamento da lucratividade dos ativos e juros passivos.
Retorno s/ o patrimônio líquido (ROE) (X11)	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	Permite mensurar se a alavancagem financeira está produzindo riquezas ou destruindo valor das empresas.

Análise de Receita	Definição	Justificativa
TVM /Intermediação Financeira (IF) (X12)	$\frac{\text{Receita com TVM}}{\text{Receita com Intermediações}}$	Permite mensurar a participação das receitas advindas das negociações de títulos de valores mobiliários, das operações com derivativos e das receitas de créditos e arrendamento mercantil sobre a receita total das intermediações financeira. Possibilitam a identificação da priorização dos negócios a partir da representatividade da receita.
Derivativos/Intermed. Financeira (IF) (X13)	$\frac{\text{Receita com Derivativos}}{\text{Receita com Intermediações}}$	
Credito e Arrend. Mercantil/(IF) (X14)	$\frac{\text{Receita com Créd. e Arrend.}}{\text{Receita com Intermediações}}$	
Análise de Mercado	Definição	Justificativa
Lucro por Ação (LPA) (X15)	$\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Número de Ações}}$	Avalia os resultados gerados pela empresa em relação às ações possuídas.
Preço/Lucro (X16)	$\frac{\text{Valor de Mercado da Ação}}{\text{LPA}}$	Indica uma estimativa de prazo para que o investidor recupere o capital aplicado.

Quadro 1: Indicadores Contábeis Selecionados para a Análise

Fonte: Baseado em Assaf Neto (2006), Oliveira (2006) e Anjos (2008)

3.1 Amostra e limitações da pesquisa

Para atender aos objetivos pretendidos, foi feita uma coleta de dados nos relatórios da administração e balanços publicados nos sítios na internet dos bancos nacionais componentes da amostra, excluindo-se o BNDES em virtude de seu comportamento atípico por se tratar de um órgão federal dirigido por políticas governamentais. A outra fonte de informações foi o sítio do BC, que disponibiliza as principais contas das demonstrações de todos os bancos selecionados em ordem decrescente de ativos: Banco do Brasil, Itaú, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Santander, HSBC, Votorantim, Safra, Citibank e Banrisul.

Cabe ressaltar a representatividade das empresas componentes da amostra. É formada por dois bancos públicos federais (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal), quatro bancos privados nacionais (Itaú, Bradesco, Votorantim e Safra), três bancos privados com controle estrangeiro (Santander, HSBC e Citibank) e um banco público estadual (Banrisul), sendo seus ativos responsáveis por 75,87% dos ativos totais do Sistema Financeiro Nacional.

Cumprе salientar também as limitações quanto aos indicadores de mercado, uma vez que a CEF foi desconsiderada para o cálculo destes indicadores por não se constituir uma sociedade anônima. Outra restrição desta análise foi que as ações dos bancos HSBC, Votoratim, Safra e Citibank não são negociadas na BMF&BOVESPA, portanto foram desconsideradas para o indicador Preço/Lucro.

Para este indicador, foram utilizadas as cotações das ações ordinárias (ON) das empresas no último dia útil dos meses avaliados. Os cálculos dos três primeiros trimestres do período de análise dos bancos Banrisul e Santander foram prejudicados por não estarem disponíveis as cotações de 2008 em seus sítios na internet na data da consulta.

4. ANÁLISE DOS DADOS

São apresentados, a seguir, os aspectos mais relevantes no estudo dos indicadores de liquidez, estrutura de capital, rentabilidade, receitas e análise de ações dos bancos da amostra.

O indicador encaixe voluntário (Tabela 1) apresentou evolução positiva em quase todos os bancos ao longo dos trimestres analisados, à exceção do Citibank, que teve redução significativa. Esta expansão do disponível denota uma postura conservadora, pois, ao aumentarem seus níveis de caixa, as instituições se tornaram mais líquidas, priorizando a segurança em meio a uma crise de liquidez internacional. Tal conservadorismo, entretanto, tende a gerar aumento dos custos decorrentes das perdas de oportunidades de negócios nos quais deixam de ser investidos tais capitais.

O fato de o banco Votorantim apresentar índices bastante elevados não significa preferência por liquidez, mas por se tratar de um banco que opera somente no atacado e possui níveis de depósitos à vista irrelevantes frente aos seus depósitos totais.

Tabela 1: Indicador contábil – encaixe voluntário

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	13,46%	16,32%	10,89%	15,76%	12,53%	16,58%	14,26%
Itaú	29,61%	30,04%	48,47%	42,01%	32,62%	36,35%	36,51%
Bradesco	19,04%	26,24%	32,54%	28,65%	32,32%	28,26%	27,84%
Banrisul	16,06%	19,08%	19,96%	21,63%	19,67%	21,16%	19,59%
CEF	18,98%	21,07%	19,93%	18,82%	19,20%	20,99%	19,83%
Santander	38,08%	33,30%	34,45%	30,49%	51,24%	30,32%	36,31%
HSBC	19,16%	22,01%	32,73%	32,84%	16,06%	25,68%	24,75%
Votorantim	148,99%	272,68%	90,32%	185,51%	321,87%	127,43%	191,13%
SAFRA	24,48%	33,89%	27,99%	55,56%	38,77%	30,47%	35,19%
Citibank	24,63%	16,12%	12,15%	12,98%	4,60%	4,80%	12,55%
Média*	22,61%	24,23%	26,57%	28,75%	25,22%	23,85%	

*Média elaborada com a exclusão do Banco Votorantim por se tratar de um *outlier*

Quando se trata da tendência média do indicador *encaixe voluntário* observa-se um crescimento, ao passo que em jun/2008 apresenta-se em 22,61%, alcançando seu pico no primeiro trimestre de 2009 (28,75%) e posterior redução nos trimestres seguintes (jun/2009 – 25,22% e set/2009 – 23,85%). Esse comportamento médio ratifica a posição que as instituições financeiras tiveram ao optarem por maior liquidez em suas operações, denotando um comportamento conversador diante do período de crise.

O indicador contábil liquidez imediata (Tabela 2) apresentou aumento na maioria dos bancos, em decorrência do substancial incremento nas aplicações interfinanceiras, tendo por destaque o banco Safra, cujo índice teve variação maior que 12 pontos percentuais entre jun/08 e set/09. O Santander e o Citibank, por sua vez, apresentaram redução nesse indicador, embora este último tenha alcançado considerável recuperação no último trimestre. As distorções no indicador do banco Votorantim devem-se às mesmas causas relatadas anteriormente. Essas características identificam a adoção de um comportamento que visa assegurar posições de menor risco e de aumento no nível de liquidez.

Tabela 2: Indicador contábil – liquidez imediata

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	1,43	1,89	2,52	2,98	2,85	3,34	2,50
Itaú	3,86	4,61	4,73	5,02	5,48	5,89	4,93
Bradesco	3,04	2,41	3,01	3,99	3,57	3,59	3,27
Banrisul	3,09	4,16	2,70	3,82	4,21	3,62	3,60
CEF	1,72	2,30	2,70	3,60	3,13	4,11	2,92
Santander	6,36	2,80	2,87	3,39	2,95	2,62	3,50
HSBC	2,21	2,57	3,21	3,24	3,34	3,87	3,07
Votorantim	163,41	114,41	64,77	207,30	246,35	98,20	149,07
SAFRA	6,28	16,20	2,74	27,87	25,05	18,58	16,12
Citibank	2,80	1,92	0,50	0,84	0,33	2,20	1,43
Média	3,10	2,96	3,11	3,72	3,65	3,86	

*Média elaborada com a exclusão do Banco Votorantim por se tratar de um *outlier*

Quanto ao comportamento médio das empresas analisadas, nota-se novamente, no primeiro trimestre de 2009, um indicador de maior valor, se comparado com os trimestres anteriores (segundo, terceiro e quarto trimestres de 2008), demonstrando a posição de maior conservadorismo das instituições nesse período. O que chama atenção é o fato de o terceiro trimestre de 2009 apresentar um indicador, para liquidez imediata, superior aos dois primeiros trimestres daquele ano.

A relação empréstimo/depósitos (Tabela 3) nos bancos BB, Itaú e Bradesco declinou nos primeiros trimestres da análise, mas apresentou pequena recuperação nos últimos. Houve crescimento modesto deste índice na CEF, no Santander e no Banrisul. Os demais bancos apresentaram retração neste aspecto. A baixa variação neste indicador demonstra o grau de insegurança existente no mercado, apesar de incentivos do BC.

Tabela 3: Indicador contábil – empréstimos/depósitos

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	0,90	0,81	0,75	0,72	0,75	0,81	0,79
Itaú	1,03	0,80	0,78	0,82	0,84	0,87	0,86
Bradesco	1,01	0,96	0,84	0,81	0,81	0,83	0,88
Banrisul	0,72	0,77	0,76	0,78	0,76	0,76	0,76
CEF	0,43	0,44	0,48	0,52	0,56	0,60	0,51
Santander	0,88	0,89	0,93	0,96	0,92	0,92	0,92
HSBC	0,57	0,52	0,50	0,49	0,48	0,48	0,51
Votorantim	1,55	1,54	1,88	1,56	1,45	1,40	1,56
SAFRA	2,17	1,77	1,11	1,03	1,08	1,27	1,41
Citibank	1,16	1,29	1,16	1,21	0,88	0,79	1,08
Média	1,04	0,98	0,92	0,89	0,85	0,87	

As operações de crédito e arrendamento mercantil em relação ao ativo total, ou participação nos empréstimos (Tabela 4), não comprovaram nenhuma tendência na amostra considerada, com variações pouco significativas. Ressalvas devem ser feitas à CEF, que apresentou aumento em todos os trimestres pesquisados, com evolução positiva de 8,69% no indicador; ao BB e ao Itaú, que, apesar de registrarem fortes aumentos das operações com crédito, não apresentaram índices expressivos devido ao grande aumento em seus ativos totais em virtude das incorporações no período. Isso sugeriu uma postura controversa dos bancos públicos, que exerceram papel significativo para a expansão do crédito no Brasil durante a crise do *subprime*.

Tabela 4: Indicador contábil – participação nos empréstimos

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	43,72%	41,92%	40,24%	38,21%	39,75%	39,52%	40,56%
Itaú	26,45%	25,09%	27,46%	28,62%	28,83%	28,95%	27,57%
Bradesco	36,01%	36,75%	35,27%	32,70%	32,38%	33,04%	34,36%
Banrisul	40,56%	40,66%	42,95%	42,13%	41,03%	41,43%	41,46%
CEF	24,05%	25,06%	27,06%	28,55%	30,66%	32,74%	28,02%
Santander	32,94%	32,90%	33,76%	34,12%	33,99%	34,36%	33,68%
HSBC	31,13%	28,45%	29,35%	30,23%	29,42%	29,24%	29,64%
Votorantim	44,16%	43,74%	48,79%	42,40%	38,28%	40,98%	43,06%
SAFRA	33,40%	31,98%	24,53%	21,49%	23,69%	28,61%	27,28%
Citibank	21,29%	22,51%	24,17%	21,35%	22,66%	21,30%	22,21%
Média	33,37%	32,91%	33,36%	31,98%	32,07%	33,02%	

Os indicadores de liquidez analisados não demonstraram uma mudança brusca nas posturas assumidas pelas IFs, mas um pequeno aumento nos níveis de encaixe voluntário e liquidez imediata na maioria dos bancos. Identificou-se também uma posição conservadora para o empréstimo, principalmente nos bancos privados e de capital estrangeiro, apesar das medidas governamentais para conter o encarecimento e a retração do crédito, como a redução da taxa do compulsório e abertura de linhas de redesconto mais amplas a partir de nov/08.

A baixa variação dos índices empréstimos/depósitos e participação nos empréstimos na maioria dos bancos da amostra, provavelmente pela redução nas atividades industriais e de exportação, bem como as incertezas, denotam que os estímulos não apresentaram o efeito esperado no período da análise.

O índice independência financeira apresentou redução em 7 bancos (Tabela 5), com destaque para o BB e a CEF, com 1,51 e 1,11 pontos percentuais de jun/08 a jun/09. O Santander, por sua vez, apresentou forte crescimento de 7,69, influenciado principalmente pela incorporação do ABN AMRO Real em set/08.

Tabela 5: Indicador contábil – independência financeira

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	6,54%	6,27%	5,90%	5,49%	5,68%	5,03%	5,82%
Itaú	9,50%	8,43%	7,10%	7,61%	8,37%	8,39%	8,23%
Bradesco	9,70%	9,52%	8,72%	8,37%	8,85%	9,16%	9,05%
Banrisul	12,44%	11,58%	12,14%	11,77%	11,46%	11,48%	11,81%
CEF	4,72%	4,42%	4,29%	4,15%	4,17%	3,61%	4,23%
Santander	8,34%	15,17%	14,29%	14,71%	15,00%	16,03%	13,92%
HSBC	6,07%	5,25%	5,39%	5,37%	5,34%	5,40%	5,47%
Votorantim	8,60%	7,84%	8,77%	7,75%	7,20%	7,79%	7,99%
SAFRA	6,50%	6,89%	6,21%	6,50%	6,89%	7,15%	6,69%
Citibank	10,49%	10,65%	10,89%	9,49%	11,59%	10,80%	10,65%
Média	8,29%	8,60%	8,37%	8,12%	8,46%	8,48%	

No Brasil, a maioria dos bancos tem operado com níveis de endividamento superiores a 10 vezes o valor de seu capital próprio (Tabela 5). Nesse indicador destaca-se a CEF, que detém média acima dos 22 pontos, principalmente devido a sua forte captação em poupança que lhe permite adotar níveis mais alavancados. As maiores variações ocorreram no BB e no Santander, com aumento de 4,59 e redução de 5,75 pontos percentuais, respectivamente.

Tabela 6: Indicador contábil – endividamento

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	14,30	14,95	15,95	17,21	16,60	18,89	16,32
Itaú	9,52	10,87	13,09	12,13	10,95	10,91	11,25
Bradesco	9,31	9,51	10,46	10,94	10,30	9,92	10,07
Banrisul	7,04	7,63	7,23	7,49	7,73	7,71	7,47
CEF	20,19	21,62	22,29	23,08	22,97	26,71	22,81
Santander	10,99	5,59	6,00	5,80	5,67	5,24	6,55
HSBC	15,49	18,06	17,54	17,61	17,71	17,52	17,32
Votorantim	10,62	11,75	10,41	11,91	12,88	11,84	11,57
SAFRA	14,39	13,52	15,11	14,39	13,52	12,98	13,98
Citibank	8,54	8,39	8,18	9,54	7,63	8,26	8,42
Média	12,04	12,19	12,63	13,01	12,60	13,00	

O índice de Basileia (Tabela 7) sinaliza que a pequena redução nos níveis de independência não tem afetado substancialmente a situação patrimonial confortável das IFs, apresentando valores muito maiores do que o recomendado pelo comitê (11%). A média do indicador em toda amostra foi acima dos 13%, com destaque para o banco Santander, com média de 22,93% e crescimento do primeiro ao último trimestre analisado de 14,70%.

Tabela 7: Indicador contábil – índice de Basileia

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	13,08	13,57	15,55	15,04	15,71	13,29	14,37
Itaú	17,07	14,69	16,13	16,63	16,89	16,73	16,36
Bradesco	14,35	16,21	16,93	16,58	17,75	17,92	16,62
Banrisul	22,24	17,68	20,09	18,51	18,43	18,03	19,16
CEF	22,36	19,09	20,63	19,94	18,8	16,08	19,48
Santander	13,57	21,68	22,88	25,3	25,85	28,27	22,93
HSBC	13,11	12,12	12,3	13,26	13,81	13,55	13,03
Votorantim	14,12	13,58	13,51	13,15	12,42	11,84	13,10
SAFRA	11,88	12,11	14,68	16,91	16,69	16,32	14,77
Citibank	13,17	16,82	16,18	15,38	16,78	15,06	15,57
Média	15,50	15,76	16,89	17,07	17,31	16,71	

Cabe ressaltar que, no período analisado, houve a incorporação dos bancos Nossa Caixa e Votorantim³ ao Banco do Brasil, em março e setembro de 2009, respectivamente. Ocorreu também fusão entre o Itaú e o Unibanco em dezembro de 2008. Esses agrupamentos foram em grande parte incentivados pelo governo, que, com as medidas de incorporação de carteiras dos bancos pequenos por instituições maiores, gerou oportunidade para expansão destes conglomerados. Dessa forma, a estrutura desses bancos foi fortalecida e, com isso, fomentou-se sua capacidade em assumir riscos.

O custo médio de captação apresenta um comportamento sazonal, comprovado na Tabela 8. Nos trimestres de jun/08 e dez/08, o custo da captação aumenta sua participação sobre os depósitos de longo prazo enquanto em set/08 e mar/09 a representatividade é menor. Este comportamento é causado pela diminuição das despesas com captação nesses trimestres. É um comportamento esperado visto que o custo financeiro do capital investido tornou-se mais barato devido ao aumento nos depósitos a prazo em todas as instituições, enquanto as despesas com captação não aumentaram na mesma proporção.

Tabela 8: Indicador contábil – custo médio de captação

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	-12,51%	-6,32%	-11,50%	-4,75%	-8,68%	-4,04%	-7,97%
Itaú	-20,57%	-9,94%	-13,94%	-7,00%	-13,37%	-5,82%	-11,77%
Bradesco	-14,20%	-8,74%	-14,75%	-6,60%	-12,83%	-5,73%	-10,48%
Banrisul	-8,51%	-5,07%	-10,45%	-4,60%	-8,44%	-3,75%	-6,80%
CEF	-15,26%	-9,02%	-18,49%	-8,75%	-16,63%	-7,21%	-12,56%
Santander	-12,69%	-5,40%	-18,72%	-6,72%	-13,04%	-4,80%	-10,23%
HSBC	-5,66%	-3,29%	-7,15%	-3,43%	-6,25%	-2,69%	-4,75%
Votorantim	-12,64%	-9,99%	-31,42%	-7,80%	-13,48%	-5,97%	-13,55%
SAFRA	-36,36%	-18,14%	-34,92%	-10,41%	-18,25%	-8,45%	-21,09%
Citibank	-8,69%	-5,98%	-13,06%	-5,51%	-7,89%	-3,61%	-7,46%
Média	-14,71%	-8,19%	-17,44%	-6,56%	-11,89%	-5,21%	

3 Em setembro de 2009, 50% do Banco Votorantim estava consolidado no balanço do BB, segundo BC.

As margens líquidas (Tabela 9) encontradas em 5 IFs (BB, Itaú, Bradesco, Banrisul e CEF) denotam queda no ganho real de set/08 a mar/09 e recuperação nos demais trimestres. Os bancos Santander, HSBC e Votorantim apresentaram perda contínuas e os bancos Safra e Citibank tiveram comportamentos divergentes, sendo o segundo com variações positivas e negativas que chegaram a 100 pontos percentuais.

Tabela 9: Indicador contábil – margem líquida

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	18,22%	12,30%	14,07%	11,26%	13,28%	12,47%	13,60%
Itaú	14,96%	11,54%	8,40%	7,57%	8,55%	8,82%	9,97%
Bradesco	17,05%	12,73%	11,11%	9,98%	11,60%	10,91%	12,23%
BNDES	19,34%	10,25%	12,32%	9,86%	9,91%	14,04%	12,62%
CEF	17,13%	8,55%	7,68%	5,02%	6,54%	10,54%	9,24%
Santander	8,51%	6,32%	3,01%	3,25%	3,98%	3,33%	4,73%
HSBC	11,91%	5,28%	6,97%	6,23%	3,03%	2,46%	5,98%
Votorantim	11,30%	4,35%	3,55%	5,84%	6,47%	3,09%	5,77%
SAFRA	9,32%	19,70%	5,29%	7,70%	9,91%	5,39%	9,55%
Citibank	56,23%	4,76%	3,88%	104,54%	55,81%	-2,95%	37,05%
Média*	14,19%	10,11%	8,04%	7,41%	8,14%	7,90%	

*Média elaborada com a exclusão do Banco Citibank por se tratar de um *outlier*

O retorno sobre o investimento total e o retorno sobre o patrimônio líquido (Tabelas 10 e 11) registraram forte involução em todos os bancos analisados no período da amostra. Os crescimentos dos investimentos totais e patrimônios líquidos, sem equivalente variação dos lucros líquidos, contribuíram para a diminuição desses indicadores.

Tabela 10: Indicador contábil – retorno sobre investimento total

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	0,99%	0,42%	0,95%	0,29%	0,69%	0,30%	0,60%
Itaú	1,22%	0,47%	0,58%	0,33%	0,80%	0,38%	0,63%
Bradesco	1,18%	0,53%	0,89%	0,41%	0,95%	0,42%	0,73%
Banrisul	1,32%	0,43%	1,11%	0,40%	0,76%	0,51%	0,75%
CEF	0,96%	0,26%	0,45%	0,14%	0,36%	0,25%	0,41%
Santander	0,62%	0,15%	0,23%	0,13%	0,31%	0,13%	0,26%
HSBC	0,79%	0,19%	0,52%	0,25%	0,24%	0,09%	0,35%
Votorantim	0,82%	0,21%	0,41%	0,20%	0,45%	0,10%	0,36%
SAFRA	0,72%	1,01%	0,60%	0,28%	0,68%	0,30%	0,60%
Citibank	3,06%	0,18%	0,33%	3,38%	3,98%	-0,09%	1,81%
Média	1,17%	0,39%	0,61%	0,58%	0,92%	0,24%	

Pode-se observar, em média, que o início (setembro de 2008) da crise foi um dos períodos de maior queda na rentabilidade do setor, com um indicador médio igual a 0,39%, com uma leve recuperação nos trimestres posteriores até junho de 2009. Essa queda na rentabilidade justifica o comportamento adotado pelos bancos de optarem por operações de maior liquidez, bem como pela diminuição da concessão de créditos, uma vez que os critérios de concessão para eles tornaram-se mais rigorosos juntamente com a elevação do custo para o tomador do recurso.

Tabela 11: Indicador contábil – retorno sobre o patrimônio líquido

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	15,14%	6,69%	16,07%	5,26%	12,11%	5,88%	10,19%
Itaú	12,79%	5,62%	8,22%	4,33%	9,51%	4,56%	7,50%
Bradesco	12,18%	5,54%	10,19%	4,85%	10,71%	4,63%	8,02%
Banrisul	10,60%	3,73%	9,17%	3,39%	6,59%	4,43%	6,32%
CEF	20,38%	5,92%	10,55%	3,48%	8,57%	7,05%	9,33%
Santander	7,48%	1,01%	1,59%	0,87%	2,09%	0,81%	2,31%
HSBC	13,01%	3,53%	9,68%	4,72%	4,42%	1,61%	6,16%
Votorantim	9,50%	2,67%	4,70%	2,61%	6,18%	1,32%	4,50%
SAFRA	11,10%	14,67%	9,65%	4,27%	9,89%	4,14%	8,95%
Citibank	29,19%	1,71%	3,02%	35,58%	34,37%	-0,81%	17,18%
Média	14,14%	5,11%	8,28%	6,94%	10,44%	3,36%	

Os indicadores de rentabilidade evidenciaram claramente a dificuldade encontrada pelos bancos na gestão de seus ativos e passivos, provavelmente causada pelo desaquecimento da economia mundial no período. Com a crise do crédito, o financiamento e o investimento ficaram mais caros; houve diminuição do consumo e queda na atividade produtiva; e todas as áreas da economia sofreram retração, entre elas a das instituições financeiras.

Apesar de vários bancos terem apresentado recordes em seus lucros líquidos, como BB, Itaú e Bradesco, pode-se observar que eles foram proporcionados pelos aumentos em seus patrimônios líquidos decorrentes das fusões e incorporações e, não, pelas atividades operacionais. Isso permitiu a geração de ganhos significativos na gestão dos ativos, porém, sem melhora nos índices de rentabilidade.

No quociente de TVM/Intermediações Financeiras (Tabela 12), pode-se observar um posicionamento conservador pela maioria dos bancos, pois a representatividade dos ganhos com títulos de valores mobiliários cresceu consideravelmente nos três períodos de maior impacto da crise externa (set/08 à mar/09), voltando aos níveis de jun/08 nos trimestres posteriores. A partir do comportamento evidenciado em 6 bancos da amostra (BB, Itaú, Bradesco, CEF, HSBC e Votorantim), pode-se inferir que houve preferência por liquidez e, conseqüentemente, menor rentabilidade.

Tabela 12: Indicador contábil – TVM/Intermediação Financeira

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	31,04%	37,91%	40,42%	38,53%	36,01%	31,91%	35,97%
Itaú	17,02%	21,36%	24,09%	24,35%	19,82%	19,49%	21,02%
Bradesco	16,24%	28,07%	28,49%	26,21%	22,25%	20,00%	23,54%
Banrisul	25,65%	22,96%	25,37%	28,24%	27,29%	25,72%	25,87%
CEF	50,69%	55,09%	56,81%	58,14%	55,44%	46,20%	53,73%
Santander	39,85%	20,33%	30,00%	25,30%	28,21%	28,03%	28,62%
HSBC	19,42%	26,75%	24,83%	26,61%	25,53%	25,20%	24,72%
Votorantim	24,03%	36,14%	33,11%	37,77%	31,33%	30,02%	32,07%
SAFRA	26,49%	19,21%	20,75%	36,01%	36,03%	16,74%	25,87%
Citibank	26,30%	23,86%	22,76%	30,08%	31,16%	32,48%	27,77%
Média	27,67%	29,17%	30,66%	33,12%	31,31%	27,58%	

Corroborando ainda com essa análise, os números encontrados nas receitas com derivativos sobre as intermediações (Tabela 13) sinalizaram perdas na maioria dos bancos, com exceção do Itaú, que obteve uma média positiva de 1,35, mas obteve fortes prejuízos com essa atividade em set/08 e dez/08; do HSBC, que também acumulou ganho ao final do interregno, mas também registrou forte prejuízo em dez/08 e do Citibank com média de 2,38%, mas que, diferente dos períodos anteriores, apresentou perdas em jun/08 e set/09. As demais instituições acumularam perdas, com destaque para o banco Votorantim com perdas média de 8,37% e Safra com 5,76%.

Tabela 13: Indicador contábil – derivativos/intermediação financeira

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	-0,67%	-0,56%	-3,33%	-0,42%	-1,69%	-4,18%	-1,81%
Itaú	7,77%	-11,06%	-14,69%	4,30%	11,85%	9,91%	1,35%
Bradesco	11,14%	-17,34%	-20,70%	3,74%	8,30%	9,31%	-0,93%
Banrisul	0,34%	-1,04%	-1,00%	-0,10%	0,93%	0,32%	-0,09%
CEF	3,06%	-3,06%	-4,56%	-4,21%	-2,19%	-0,01%	-1,83%
Santander	3,21%	-12,49%	-14,94%	8,87%	7,70%	0,20%	-1,24%
HSBC	2,68%	-0,83%	-5,61%	4,80%	4,93%	-1,89%	0,68%
Votorantim	27,91%	-18,78%	-27,67%	-26,04%	-6,16%	0,50%	-8,37%
SAFRA	-2,25%	-5,80%	-6,34%	-10,93%	-9,18%	-0,07%	-5,76%
Citibank	-4,31%	14,62%	11,51%	11,90%	-0,09%	-16,67%	2,83%
Média	4,89%	-5,63%	-8,73%	-0,81%	1,44%	-0,26%	

Finalizando a análise da receita, crédito e arrecadação mercantil/intermediações, na Tabela 14, houve certo equilíbrio em 9 bancos com pequenas variações, salvo em alguns períodos como set/08 e dez/08 no Itaú, impulsionado pela receita com o arrendamento mercantil. Apenas o banco Votorantim apresentou aumento efetivo, pois, tendo as receitas de crédito como característica da operacionalização em atacado, esta instituição consegue manter níveis de liquidez menores, deslocando seus recursos para investimentos em intermediações.

Tabela 14: Indicador contábil – crédito e arrecadação mercantil/intermediação financeira

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	65,48%	58,76%	58,62%	60,70%	64,35%	68,37%	62,71%
Itaú	73,45%	81,78%	80,48%	69,99%	67,84%	70,02%	73,93%
Bradesco	69,20%	71,02%	72,02%	66,53%	66,53%	69,87%	69,19%
Banrisul	63,74%	59,63%	59,73%	66,61%	67,51%	69,81%	64,50%
CEF	33,07%	33,69%	34,46%	37,02%	37,97%	44,23%	36,74%
Santander	52,17%	76,57%	69,83%	65,25%	63,52%	64,77%	65,35%
HSBC	74,61%	70,39%	69,63%	66,29%	67,35%	72,69%	70,16%
Votorantim	46,97%	77,16%	85,02%	86,99%	74,83%	69,48%	73,41%
SAFRA	72,49%	68,60%	65,46%	71,45%	72,32%	82,95%	72,21%
Citibank	64,46%	58,50%	52,88%	53,25%	57,45%	62,68%	58,20%
Média	61,56%	65,61%	64,81%	64,41%	63,97%	67,49%	

Pode-se inferir que os bancos apresentaram o comportamento esperado para o período de incertezas que adentrava o mercado interno, pois ampliaram suas aplicações em TVM e restringiram ou mantiveram o crédito ao primeiro momento, mesmo com incentivos governamentais. Além disso, alguns buscaram aplicações rentáveis com câmbio nos períodos de maior turbulência e, já em set/09, começam a retornar às posições de jun/08.

O lucro por ação (tabela 15) demonstra que houve retração no ganho por ação na média de todas as instituições financeiras. Este comportamento era esperado devido ao fato da desvalorização da bolsa de valores, uma das consequências mais evidentes da crise no Brasil.

Tabela 15: Indicador contábil – lucro por ação (em R\$)

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	1,57	0,73	1,87	0,65	1,56	0,77	1,19
Itaú	1,39	0,64	0,90	0,49	1,05	0,50	0,83
Bradesco	1,34	0,63	1,15	0,56	1,32	0,59	0,93
Banrisul	0,75	0,27	0,69	0,26	0,52	0,36	0,47
Santander	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
HSBC	0,42	0,12	0,32	0,14	0,14	0,05	0,20
Votorantim	0,01	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00
SAFRA	409,97	634,58	366,67	169,46	416,90	177,78	362,56
Citibank	0,04	0,00	0,00	0,06	0,06	0,00	0,03
Média	0,69	0,30	0,62	0,27	0,58	0,28	

*Média elaborada com a exclusão do Banco Safra por se tratar de um *outlier*

O banco Safra divulgou em suas demonstrações contábeis o agrupamento de suas ações em mar/08 à razão de 1.000 para 1 nova ação. Como seu capital social está dividido em poucas ações, os ganhos registrados destoam dos outros bancos.

Embora o Preço/Lucro (Tabela 16) seja comumente utilizado para determinar o *payback* em anos, nesta pesquisa sua periodicidade é trimestral. O comportamento observado foi de valorização das ações nos últimos trimestres. Como o lucro por ação, em média, decresceu em todos os bancos, o Preço/Lucro apresentou crescimento, aumentando assim o prazo para o retorno do investimento.

Tabela 16: Indicador contábil – preço/lucro (em R\$)

Bancos	jun/08	set/08	dez/08	mar/09	jun/09	set/09	Média
BB	16,44	30,98	7,84	26,01	13,55	41,25	22,68
Itaú	12,30	22,27	12,38	20,55	9,38	23,05	16,66
Bradesco	21,80	42,85	17,37	34,31	18,23	49,55	30,69
Banrisul	-	-	-	27,52	15,91	31,89	25,11
Santander	-	-	-	101,30	46,00	215,34	120,88
Média	6,32	12,01	4,70	13,55	7,13	18,22	

*Média elaborada com a exclusão do Banco Santander por se tratar de um *outlier*

O Lucro por ação do banco Santander foi muito baixo e este índice é utilizado como denominador no cálculo do Preço/Lucro. Os resultados obtidos para esse banco foram desvirtuados e desconsiderados para análise.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os indicadores utilizados neste estudo, verificou-se que, apesar de um cenário contínuo à expansão do crédito devido à instabilidade gerada no mercado, houve um crescimento nas operações de crédito no Brasil, impulsionado, em um primeiro momento, pelos bancos públicos e depois acompanhado pelos privados e os privados com controle estrangeiro, a partir do primeiro trimestre de 2009.

Observou-se também que a gestão das operações com seus ativos e passivos sustentaram essa evolução do crédito. As reestruturações patrimoniais, frutos das diversas incorporações e fusões no período, foram importantes para salientar uma postura de investimento durante uma recessão que atingia todos os setores da economia e “derrubou” os valores das empresas no mercado acionário.

Por meio da análise das receitas, pode-se deduzir que, apesar das perdas com derivativos e a insegurança no mercado, a maioria das IFs não aumentaram drasticamente suas participações em operações com TVM que priorizam a liquidez ao ganho monetário. Ou seja, a maioria dos bancos apresentou uma tendência anticíclica de fomentar as atividades produtivas em tempos de depressão da economia.

Conclui-se que as ações governamentais, a estabilidade da economia que consolidou uma confiança no mercado brasileiro e a postura assumida pelas IFs no período contribuíram para que os impactos da crise do *subprime* fossem processados com menores danos para economia, confirmada em uma situação atual que apresenta sintomas de retomada do crescimento.

6. REFERÊNCIAS

ANJOS, Vera Marleide Loureiro dos. **A utilidade das demonstrações contábeis para tomada de decisão sob a ótica dos analistas de investimento e profissionais de relações com investidores**. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - UnB, Brasília. 2008.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**. 8ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

BACEN. **50 maiores bancos e o consolidado do sistema financeiro nacional**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 10 de Nov. 2009a.

BACEN. **Relatório de Economia Bancária e Crédito**. 2009b. Disponível em < www.bcb.gov.br/?RELECON09> em 28 mar 2011.

BIS – BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS. **International Convergence of Capital Measurement and Capital Standards: a Revised Framework Comprehensive Version**. 2006.

CRUZ, Hélio Nogueira da. A crise norte-americana e o risco de desvalorização das commodities. **Informações FIPE**, São Paulo, n. 329, p. 9-10, fevereiro 2008a.

CRUZ, Hélio Nogueira da. Demora em reconhecer gravidade das *subprime* colaborou para aprofundar a crise. **Informações FIPE**, São Paulo, n. 337, p. 7-8, outubro 2008b.

DE MEDEIROS; Otávio Ribeiro; PANDINI, Emerson Jader. Índice de Basileia no Brasil: Bancos Públicos x Privados. **REPeC - Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, v. 1, n. 2, art. 2, p. 22-42, maio/ago. 2007.

DEMYANYK, Yuliya; HEMERT, Otto Van. Understanding the Subprime Mortgage Crisis. **The Review of Financial Studies**, vol. 24, may, 2011, p. 1848-1880.

FOSTER, George. **Financial statement analysis**. 2nd. ed. New Jersey: Prentice-Hall, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª edição São Paulo: Atlas, 1999.

GILBERT, R. Alton; MEYER, Andrew P.; VAUGHAN, Mark D. *The Role of a CAMEL Downgrade Model in Bank Surveillance*. **Working Paper 2000-021 A, Federal Reserve Bank of St. Louis**, 2000.

HELLWIG, Martin F. Systemic Risk in the Financial Sector: An Analysis of the Subprime-Mortgage Financial Crisis. **De Economist**, vol.157, 2009. pp.129-207.

IBGE. **Em 2008, PIB cresceu 5,1% e chegou a R\$ 2,9 trilhões**. Comunicação Social 10 de março de 2009. 2009. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1330&id_pagina=1> em 20 jun. 2009.

IBGE. **Principais resultados do PIB a preços de mercado do 2º trimestre de 2008 ao 2º trimestre de 2009**. Comunicação Social 11 de setembro de 2009. 2009. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1452&id_pagina=1> em 15 dez. 2009.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de Balancos**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 1998.

LAUX, Christian; LEUZ, Christian. The Crisis of Fair-Value Accounting: Making Sense of the Recent Debate. **Accounting, Organizations and Society**, vol.34, 2009. pp.826-834.

LONGARAY, André A.; BEUREN, Ilse M. Caracterização da pesquisa em Contabilidade. In: BEUREN, Ilse M. (Org). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2004. pp. 21-45.

LYRA, Ricardo Luiz Wüst Corrêa de. **Análise hierárquica dos indicadores contábeis sob a óptica do desempenho empresarial**. 2008. 171 f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MYER, John N. **Análise das demonstrações financeiras**. Tradução de Danilo Ameixeiro Nogueira. São Paulo: Atlas, 1976.

OLIVEIRA, Giuliano Contento de. O comportamento recente do crédito e da estrutura patrimonial de grandes bancos no Brasil (2003-2005): uma abordagem pós-keynesiana. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 11. 2006. **Anais...** Vitória/ES. XI ENEP, 2006.

RAYAN, Stephen G. Accounting in and for the Subprime Crisis. **The Accounting Review**, Vol. 83, Issue 6, 2008, p. 1605-1638.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et. al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, R. N. ; PINTO, Y. P. B. Os Impactos Verificados no Ativo e Patrimônio Líquido dos Bancos, após a Implementação do Acordo da Basileia. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 4. **Anais...** SÃO PAULO. 2004.

SAUNDERS, A. **Administração de instituições financeiras**. Tradução da 2ª edição americana de: Financial Institutions Management por Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 2007.

SILBER, Simão Davi. As origens da crise e as perspectivas para o Brasil. **Informações FIPE**, São Paulo, n. 339. p. 7-8, dezembro 2008.

SILVA, José Pereira da. **Gestão e análise de risco de crédito**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1998.

TAYLOR, John B. The Financial Crisis and the Policy Responses: An Empirical Analysis of What Went Wrong. *NBER Working Paper Series*, **Working Paper** 14631, 2009, Disponível em <<http://www.nber.org/papers/w14631>>. Acesso em 05 abr 2010.